



<b>Diário Notícias</b>  28-05-2009	Periodicidade:	<b>Diario</b>	Temática:	<b>Sociedade</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>476 cm²</b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>79040</b>	Página (s):	<b>1/18</b>

PAIS, pág. 18

## Amnistia critica Portugal por brutalidade policial

Relatório destaca caso de agressões a Leonor Cipriano, mãe de Joana

Diário Notícias	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	476 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	79040	Página (s):	1/18

28-05-2009

# Amnistia critica brutalidade policial em Portugal

**Violencia.** O caso de Leonor Cipriano é destacado no relatório anual da Amnistia Internacional sobre a situação dos direitos humanos no mundo

PATRICIA JESUS

Brutalidade policial, violência doméstica, racismo e cumplicidade com violações de direitos humanos pela CIA. São estas situações que fazem a Amnistia Internacional apontar o dedo a Portugal no relatório anual da organização sobre o panorama dos direitos humanos no mundo.

A violência policial é um dos temas em destaque sempre que se fala de direitos humanos no País e a Amnistia lembra dois casos de agressões: a Leonor Cipriano (na foto em baixo), condenada pela morte da filha Joana, durante um interrogatório e a um recluso do Estabelecimento Prisional de Lisboa. Ambas chegaram a tribunal,

mas "avançaram lentamente", acusa a organização no relatório sobre 2008. Entretanto, o caso de Leonor Cipriano teve um desfecho na semana passada, com o tribunal a dar como provado que as agressões existiram mas a absolver os inspetores da acusação de tortura.

Para a presidente da secção Portuguesa da Amnistia, o que importa aqui é que o caso tenha chegado a tribunal, com transparência. "É um exemplo que pode servir de lição a muitos países", diz Lucília Justino. Já para Carlos Anjos, da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal, não faz sentido estar a falar em casos que aconteceram há mais de



cinco anos para apontar o dedo à polícia. "Nos últimos anos não existe nem numa queixa", garantiu ao DN. Por outro lado, o representante dos investigadores da PI desvaloriza as referências a relatos continuados de maus tratos e tortura por parte das forças de segurança. "São acusações de tal forma genéricas que não significam muito", conclui.

**Violência doméstica**  
48 mulheres assassinadas, vítimas de violência doméstica, e mais de 16 000 queixas na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima põem Portugal também na lista dos países em que a violência contra mulheres é preocupante (*Susana Pinheiro, na foto em cima, foi uma das vítimas*).

Lucília Justino salienta que houve um aumento mas que este se pode dever a uma maior consciência de que se trata de um crime público. "Mesmo assim os números são chocantes", diz.

Os números do relatório são



Cartaz contra a imigração é referido no relatório da Amnistia



compilados pela secção portuguesa e enviados para o secretariado da organização em Londres, que só inclui uma denúncia depois de investigar. "É esse cuidado que dá credibilidade a este documento", conclui.

"O ideal era que o relatório tivesse um espaço em branco a seguir ao nome do País mas em termos globais não estamos mal. A situação não piorou relativamente em relação ao ano passado. Por outro lado os problemas vão-se mantendo", diz Lucília Justino em jeito de balanço.

Um caso que a organização achou que valia a pena mencionar foi o cartaz que o Partido Nacional Renovador usou para ilustrar a sua posição anti-imigração – em que se via uma ovelha branca a expulsar uma ovelha negra. "Pode parecer um pormenor mas é um sinal que não deve ser desvalorizado e que pode potenciar racismo e xenofobia contra imigrantes".

O relatório destaca ainda o que

## Crise agrava violações de direitos

Quase 80% das 2390 pessoas que foram executadas no ano passado depois de condenadas à pena máxima, morreram nos 20 países mais ricos do mundo, com destaque para China, EUA e Arábia Saudita. Este é um dos exemplos citados pelo relatório anual da Amnistia Internacional (AI) sobre a situação dos direitos humanos no mundo para mostrar que as potências económicas e militares falham na luta pelo fim das violações e têm elas próprias manchas difíceis de apagar. Uma das ideias principais do relatório é que "subjacente à crise económica está uma crise de direitos humanos explosiva. A reviravolta económica agravou os abusos, desviou as atenções desses mesmos abusos e criou novos problemas", acusa a secretária-geral da Amnistia, Irene Khan. A recessão mundial causou mais fome e doenças, mas também mais repressão nos regimes ditatoriais e discriminação contra migrantes nos países desenvolvidos.

Lucília Justino considera ser "uma mancha terrível": a passagem de voos da CIA com prisioneiros para Guantánamo por território português, já admitida pelo Ministério das Obras Públicas. "É preciso apurar responsabilidades custe o que custar e custe a quem custar," conclui. ■